
Banda ou *boy band*? Disputas de valor a partir de gênero e tecnologia segundo o grupo 5 Seconds of Summer¹

Bárbara ELMÔR²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O termo *boy band*, além de designar grupos de músicos jovens cujo público é majoritariamente feminino, também pode implicar características de caráter depreciativo. Com base na análise de quatro entrevistas da banda 5 Seconds of Summer, o presente artigo investiga as disputas do grupo por legitimidade a partir de sua relação com o rótulo de *boy band* e seus encadeamentos - sobretudo no que tange ao uso de instrumentos e ao vínculo com o público feminino - ao longo dos anos, considerando mudanças no próprio conjunto e no contexto sociocultural em que está inserido. Como resultado, identifica-se que a postura da banda está associada à performance de masculinidade e musicalidade a partir de diferentes referenciais.

PALAVRAS-CHAVE: boy bands; performance; música pop; masculinidade; tecnologia.

De Beatles a *NSYNC, de Jackson Five a BTS, diversos grupos musicais já foram considerados *boy bands* pela mídia e pelo público. No entanto, muitas vezes, os próprios cantores se posicionam contra o título por enxergarem nele um teor depreciativo, que não representa corretamente o trabalho que desempenham. Essa postura é mais recorrente - ainda que não exclusiva - entre conjuntos que utilizam instrumentos como guitarra, baixo e bateria e, portanto, se consideram bandas. Quando, afinal, uma banda é também uma *boy band*? E quais atribuições de valor estão embutidas nessa nomenclatura?

O presente artigo investiga as disputas do grupo australiano 5 Seconds of Summer por legitimidade a partir de sua relação com o conceito de *boy band* e seus encadeamentos - sobretudo no que tange à criação e à performance das músicas e ao vínculo com o público feminino - e as mudanças em sua identificação ao longo dos anos, considerando as transformações ocorridas nesse período tanto na própria banda -

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação, Música e Entretenimento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFF, e-mail: barbaraelmor@id.uff.br.

que migrou de um estilo influenciado pelo pop punk para um som mais pop e um visual glamouroso - quanto no contexto sociocultural em que ela está inserida.

Para isso, foi realizada uma análise de falas retiradas de quatro entrevistas, duas da fase inicial de sua carreira e duas mais recentes, com o objetivo de demonstrar a mudança na postura dos músicos a respeito desses temas, migrando de frustração e rejeição para aceitação e valorização. A primeira foi publicada pelo jornal australiano *The Sidney Morning Herald* em novembro de 2014, a segunda faz parte de uma reportagem da revista *Rolling Stone* de dezembro de 2015, a terceira foi publicada pelo portal brasileiro *Tenho Mais Discos Que Amigos!* em abril de 2022 e a quarta, de junho de 2022, foi concedida à *Rolling Stone Australia*.

A hipótese considerada no artigo é que, no início da carreira, a proximidade do grupo com o pop punk, um gênero musical tradicionalmente atrelado ao público masculino, teria estimulado a tentativa de distanciamento do que é considerado feminino - e, em decorrência disso, muitas vezes também inferior e mais emocional do que racional (Gregory, 2019, p. 102) - para obter legitimidade para além da bolha das jovens mulheres e homens gays, públicos normalmente associados às *boy bands* (Gregory, 2019, p. 65). Com o tempo, houve um afastamento do estilo adotado anteriormente em direção a um som mais pop e uma estética mais andrógina, o que explicaria a ressignificação dos rótulos antes rejeitados e a adoção de um novo perfil de "masculinidade pop" - que, segundo Gregory, que não é pautada primordialmente por ideais de virilidade, mas pela adoção de características atreladas ao que é feminino, afeminado ou feminilizado.

O que caracteriza uma *boy band*: definições e disputas

Para compreendermos as disputas ao redor do termo *boy band*, o primeiro entendimento necessário é de que não há um consenso sobre sua definição. Recorrendo a dicionários e publicações acadêmicas, Gregory (2019) identificou duas semelhanças entre as principais designações: são grupos de rapazes jovens - pelo menos no momento de sua ascensão à fama - e que têm um público majoritariamente feminino. Outras características mencionadas, como performance de música pop, realização de coreografias e canto em harmonia, não são unanimidade entre autores e conjuntos. Por fim, é pontuado o aspecto "manufaturado" das *boy bands*, que, em muitos casos, são

criadas por empresários ou programas do segmento *reality show*, o que gera questionamentos sobre sua autenticidade e sua artificialidade (Gregory, 2019, p. 11).

Analisando os termos "boy" (menino, em inglês) e "band" (banda, em inglês), a autora reforça que ambos atribuem sentidos específicos quando usados conjuntamente. "Aqui a adição de 'boy' à palavra 'band' transforma o prefixo em uma ferramenta, ativando munição discursiva para impor a superioridade de um tipo de música sobre outro" (Gregory, 2019, p. 8, tradução nossa)³. Há também uma referência à juventude em "boy" que integra uma gama de fatores associados ao padrão de beleza eurocêntrico, relevante neste caso devido ao estereótipo que associa o público feminino ao consumo motivado pelo apelo visual (Gregory, 2019, p. 10).

A principal discussão diz respeito às implicações de "*band*". Gregory destaca que o termo "banda" por si só talvez não seja específico o bastante para designar grupos que não tocam instrumentos e "só" cantam, uma atividade que muitas vezes é classificada como inferior. *Boy band*, então, diferenciaria os grupos "meramente" vocais dos que são considerados mais legítimos musicalmente, mais talentosos e habilidosos (Gregory, 2019, p. 14). Entretanto, conjuntos que têm formação de banda de rock, com guitarrista, baixista e baterista, também podem ser rotulados como *boy bands* quando se adequam aos demais critérios do formato. Surge, então, um dilema.

Para o portal *Billboard* em 2018, os jornalistas Andrew Unterberger e Joe Lynch se propuseram a discutir grupos cujo título de *boy band* não é unânime. Segundo Unterberger, "[...] a qualificação mais importante para uma *boy band* é a forma como eles são recebidos por sua base de fãs em geral" (Unterberger, Lynch, 2018, tradução nossa)⁴. Sob essa ótica, conjuntos como The Beatles, que indiscutivelmente são bandas, também preenchem os requisitos para o rótulo. "[Eles] essencialmente definiram o modelo (e a padrão) para os gritos do público, para o debate sobre o membro favorito e para o sufixo -mania" (Unterberger, Lynch, 2018, tradução nossa)⁵.

É o caso do grupo australiano 5 Seconds of Summer, objeto de estudo deste artigo. A banda teve início em 2011, quando os integrantes tinham entre 15 e 17 anos, o que os posiciona dentro do recorte de juventude das *boy bands*. Outros critérios aos

³ "Here addition of 'boy' to the word 'band' turns the prefix into a tool, activating discursive ammunition to enforce the superiority of one type of music over another"

⁴ "[...] the most important qualification for a boy band is in the way they're received by their general fanbase"

⁵ "[They] essentially set the template (and the bar) there for audience screaming, for favorite-member debating, and for -mania suffixing"

quais se adequam são o alinhamento ao padrão de beleza masculina ocidental, a performance de música pop (neste caso, pop rock) e a base de fãs majoritariamente feminina. Entretanto, eles não realizam coreografias, por serem um grupo que se apresenta com instrumentos, e não foram unidos por profissionais da indústria musical.

O fator determinante para a rotulação, nesse caso, é a relação estabelecida com o público, como pontuado por Lynch sobre o grupo: "a popularidade deles é atribuível pelo menos tanto à estética quanto ao som" (Unterberger, Lynch, 2018, tradução nossa)⁶. Unterberger reitera essa visão, destacando também outro aspecto relevante: o afeto dos fãs pelos indivíduos que integram o conjunto, não apenas pelo coletivo.

É verdade que, a certa altura, uma banda só de garotos se torna apenas uma banda, mas quando eles são um bando de adolescentes extremamente bem-sucedidos e bonitos tocando músicas *power-pop* - quando eles inspiram mania o suficiente para que até mesmo o maldito baixista se torne uma celebridade por um breve período - eles ainda preenchem os requisitos de *boy band* para mim (Unterberger, Lynch, 2018, tradução nossa)⁷.

Em bandas "tradicionais", é comum que apenas um dos integrantes - geralmente o vocalista - se torne mais conhecido pelo público e atinja o *status* de celebridade. Já nas *boy bands*, ainda que normalmente um dos membros também tenha maior projeção, há um esforço para destacar cada integrante por meio da criação de pessoas. Mais popular entre artistas solo, a prática oferece ao público a chance de criar vínculos especiais com os membros pelos quais sentir maior identificação ou atração. Novamente, os Beatles são um ponto de referência importante. "Ao contrário de seus progenitores, o Fab Four tornou-se fabuloso em parte porque capitalizou a natureza diferente de cada membro da banda e usou esses detalhes como um meio de atrair fãs" (Abate, 2017, p. 46, tradução nossa).⁸ Esta é outra característica de *boy band* performada pelo 5 Seconds of Summer, como exposto pelo primeiro empresário do grupo, Adam Wilkinson, para a revista Rolling Stone em 2015.

Como o Fab Four, cada membro do 5SOS teria uma persona simples. Luke era o quieto. "A ideia era fazer com que os fãs sentissem um pouco de mistério ao seu redor", diz Wilkinson. "Michael desde o primeiro dia queria ser uma estrela

⁶ "[...] their popularity is attributable at least as much to aesthetics as sound [...]"

⁷ "It is true that at a certain point, a band of all-boys does just become a band, but when they're a bunch of extremely successful and good-looking teenagers playing power-pop jams — when they inspire mania enough that even the friggin' bass player briefly becomes a celebrity — they still make the boy band cutoff for me"

⁸ "Unlike their progenitors, the Fab Four became fabulous in part because they capitalized on the different nature of each band member and used these details as a means to attract fans"

do rock. Então tentamos acentuar isso. Calum sempre deveria ser o criativo. Ashton era o sério" (Doyle, 2015, tradução nossa)⁹.

A criação de pessoas em *boy bands* ganha ainda mais relevância quando consideramos que esses grupos têm públicos jovens, que estão descobrindo suas preferências e afinidades. Nesse sentido, a variedade de personalidades pode ser um valioso componente da comercialização de um conjunto. Conforme pontuado por Johnston, "[...] para os jovens que tentam descobrir o espinhoso mundo da sexualidade, [...] As diferentes personalidades dos membros das *boy bands* podem ser vistas como um campo de teste para a atração" (JOHNSTON, 2012, tradução nossa)¹⁰.

Considerando todas características supracitadas, pode-se ter o entendimento de que a classificação como *boy band* representa apenas uma ferramenta de diferenciação entre grupos de estilos distintos. No entanto, muitos deles, incluindo o 5 Seconds of Summer, argumentam que o rótulo não é apenas descritivo, mas também depreciativo. Implícito à nomenclatura estaria um julgamento de valor que concerne sobretudo à competência musical dos integrantes e sua legitimidade como artistas.

Rejeição do rótulo e disputas de valor na busca por legitimidade

Como exposto anteriormente, as *boy bands* fazem parte da cultura pop há décadas, e tão comum quanto o título é a rejeição a ele. Apesar de alguns critérios - como idade, beleza e gênero musical - não imporem um teor depreciativo, outros - como a natureza "manufaturada" - podem ser assim interpretados. Ademais, outros julgamentos podem estar implícitos nessa diferenciação, o que motiva tentativas de afastamento do rótulo. No caso das *boy bands* que se identificam como bandas, os argumentos costumam ser baseados em aspectos que, segundo os músicos, o termo ignora ou minimiza, como uso de instrumentos e a composição das músicas.

Essa postura pode ser observada nas declarações dos músicos do 5 Seconds of Summer sobre o tema nas duas primeiras entrevistas selecionadas para análise. Ao The Sydney Morning Herald, o vocalista Luke Hemmings afirmou em 2014:

[O termo *boy band*] implica que não tocamos e não escrevemos nossas músicas [...] Isso nos faz parecer um pouco falsos. [...] Começar em uma garagem e

⁹ "Like the Fab Four, each 5SOS member would have a simple persona. Luke was the quiet one. 'The idea was to make the fans feel a little bit of mystery around him,' says Wilkinson. 'Michael from Day One wanted to be a rock star. So we tried to accentuate that. Calum was always supposed to be the creative one. Ashton was the serious one.'"

¹⁰ "[...] for young people trying to figure out the thorny world of sexuality, [...] The varying personalities of boy bands' members could be seen as a testing ground for attraction[...]"

escrever nossas próprias músicas e tocá-las em pubs para 10 pessoas; não acho que [ser chamado de *boy band*] nos faça justiça como banda (Vincent, 2014, tradução nossa).¹¹

Também sobre o termo, o baterista Ashton Irwin afirmou para a Rolling Stone em 2015: “Setenta e cinco por cento de nossas vidas é provar que somos uma banda de verdade [...] Estamos ficando bons nisso agora. Não queremos ser apenas, tipo, para garotas. Queremos ser para todos” (Doyle, 2015, p.3, tradução nossa)¹².

Para contextualizar as falas, é importante pontuar que 2014 e 2015 foram os anos de lançamento dos dois primeiros álbuns do grupo, inspirados em bandas dos gêneros pop punk e pop rock como blink-182, Sum 41, All Time Low e Good Charlotte - chegando a colaborar com algumas delas na composição de canções. A entrevista para a Rolling Stone, no entanto, revela que o plano do primeiro empresário do grupo era criar uma ponte entre esses gêneros e o pop de conjuntos como a *boy band* One Direction, para quem atuaram como banda de abertura em duas turnês (Doyle, 2015, p.6).

Portanto, ainda que não houvesse uma perspectiva concreta de adentrar o mercado pop punk - inclusive devido à associação do grupo ao One Direction -, havia esperança de que preenchessem a lacuna que o distanciava do pop, posicionando-os em uma sobreposição entre bandas e *boy bands*. Resenhas da mídia na época refletiam esse local ambíguo ocupado pela banda; sobre o primeiro álbum, a Rolling Stone afirmou que "Embora eles empunhem guitarras e atitude punk, 5SOS na verdade tem muito mais One Direction do que Green Day em seu DNA" (GANZ, 2014, tradução nossa)¹³, enquanto a matéria sobre o segundo álbum diz que "Eles tocam guitarra, escrevem uma boa parte de suas músicas e trabalham com um som pop-punk que evoca mais o Blink-182 do que os Backstreet Boys" (DOLAN, 2015, tradução nossa)¹⁴.

Diante deste cenário, os depoimentos da banda evidenciam sua crença de que a classificação como *boy band* não é desprovida de juízo de valor. A partir das falas destacadas, podemos observar uma busca por legitimidade baseada em dois pontos centrais: a reafirmação da participação na criação e na performance das músicas

¹¹ "That implies that we don't play and we don't write our songs [...] It makes us seem a bit fake. [...] Starting in a garage and writing our own songs and playing them in pubs to 10 people; I don't think [being called a boy band] does us justice as a band"

¹² "Seventy-five percent of our lives is proving we're a real band [...] We're getting good at it now. We don't want to just be, like, for girls. We want to be for everyone"

¹³ "Though they wield guitars and punk-y attitude, 5SOS actually have a lot more One Direction than Green Day in their DNA"

¹⁴ "They play guitars, write a decent chunk of their music and work a pop-punk sound that evokes Blink-182 more than the Backstreet Boys"

(sobretudo com instrumentos) e o distanciamento do vínculo majoritário com o público feminino, aspectos bastante entrelaçados no imaginário popular.

O primeiro ponto dialoga com a crítica à "artificialidade" das *boy bands* em oposição à "autenticidade" valorizada, por exemplo, em bandas de rock. A crítica implícita seria de que os integrantes não compõem músicas nem tocam instrumentos de verdade, o que reduziria o valor de sua performance. "Sugerir que os grupos apenas cantam e dançam invoca uma falha no domínio de instrumentos musicais externos, implicando assim uma falta de musicalidade séria" (Gregory, 2019, p. 10, tradução nossa)¹⁵. Essa disputa também está atrelada à percepção do canto como inferior: "Nos discursos de gênero da música popular, cantar tende a ser visto como uma forma menor de musicalidade do que tocar violão, teclado ou bateria" (Gregory, 2019, p.14, tradução nossa)¹⁶.

Para Farrugia (2012, p. 21-22), essa lógica reflete um processo histórico de "masculinização" da tecnologia na indústria musical, na qual posições de poder na produção e na performance das músicas exigem contato direto com a tecnologia, como uso de guitarras, baterias e mesas de mixagem, e são ocupadas majoritariamente por homens, enquanto às mulheres muitas vezes são reservadas as funções consideradas "femininas" e menos complexas, como de vocalistas ou dançarinas.

O vínculo entre o contato com a tecnologia e a qualidade de um artista ou grupo é um critério de valor muito presente na música popular contemporânea. Como apontado por Trotta (2011), na produção musical, a "busca por novas sonoridades, obtidas através de instrumentos elétricos e eletrônicos" segue uma "lógica que associa de forma bastante estreita a tecnologia com a modernidade e esta com a qualidade musical" (Trotta, 2011, p. 125). O autor pontua também que o cenário abrange novas formas de aferir valor na música, especialmente considerando a relação dessas sonoridades com o público jovem. Entendendo o mercado da música pop como inserido nesse recorte de público e gênero, as *boy bands* também estão submetidas a esses critérios de valoração. Assim, compreende-se que a reafirmação da participação na composição e na performance das músicas em contato direto com as tecnologias é uma

¹⁵ "Suggesting that the groups only sing and dance invokes a failure to master external musical instruments, thereby implying a lack of serious musicianship"

¹⁶ "In the gendered discourses of popular music, singing tends to be viewed as a lesser form of musicianship than playing a guitar, keyboard or drums"

tentativa de buscar validação dentro dos parâmetros do gênero musical em que desejam se inserir.

Outro aspecto pontuado por Trotta que dialoga com as colocações de Gregory e Farrugia e com o universo das *boy bands* diz respeito à corporalidade. Segundo o autor, na música popular, a movimentação do corpo pode ser um importante critério de qualidade (Trotta, 2011, p.126), especialmente considerando as colocações de Simon Frith sobre o valor da performance de um artista nesse contexto ser medida pela performance do público como resposta, inclusive fisicamente (Frith, 1996, p. 205-206). Na música pop, canções "dançantes" ou que inspiram movimento têm posições de valor, o que é refletido na realização de coreografias - popularmente vinculadas às *boy bands*.

Como pontuado por Gregory e Farrugia, a dança, assim como o canto, é uma atividade associada ao feminino - tanto às artistas mulheres quanto aos artistas homens consumidos por mulheres. Entra em cena, novamente, a argumentação a respeito da proximidade com a tecnologia. Via de regra, um grupo com baixista, baterista e guitarristas não tem a mesma liberdade para movimentação que um grupo vocal. Considerando o desejo de vínculo do 5 Seconds of Summer com gêneros mais próximos do rock e do punk, que inspiram outros tipos de movimentos, faz sentido que haja uma busca por distanciamento da corporalidade associada ao pop. Sendo assim, ao reafirmarem que tocam instrumentos, os músicos estão destacando a oposição entre a tecnologia e as coreografias e se distanciando dos estereótipos de *boy band* e do que é percebido como afeminado, feminilizado ou destinado somente a mulheres.

Isso nos leva ao segundo ponto evidenciado pelo 5 Seconds of Summer em suas declarações, a respeito da afinidade com o público feminino como algo que impacta negativamente a busca por legitimidade artística. Filmes, livros, hobbies e interesses tradicionalmente associados às mulheres, especialmente jovens e adolescentes, costumam ser vistos com certa inferioridade. Como pontuado por Gregory (2019, p. 102), isso se deve em grande parte ao julgamento de que o gosto feminino não é pautado por razões racionais, mas emocionais - uma linha de raciocínio reverberada inclusive por estereótipos de histeria comumente atrelados às fãs mulheres desde a época de astros como Elvis Presley e Frank Sinatra (Gregory, 2019, p. 27), mas não aos fãs homens em eventos esportivos ou outros contextos alinhados a seus interesses.

Quando as meninas demonstram sua paixão em shows de artistas como Justin Bieber, The Beatles ou 5SOS, elas são rotuladas de "histéricas". Quando os

meninos fazem a mesma coisa em um jogo da AFL, eles estão apenas sendo “entusiasmados” (Reid, 2022, tradução nossa)¹⁷.

A respeito da valoração de produtos culturais, Tia DeNora (2015, p.124) afirmou tratar-se de um processo que os define e situa dentro de um contexto, atribuindo sentidos e percepções de legitimidade e estabelecendo conexões com outros elementos ali inseridos. Assim, "a valoração cria e retira oportunidades de ação, formas de conexão, identificação e expressão" (DeNora, 2015, p.124, tradução nossa)¹⁸. Gregory compartilha uma observação semelhante: "descritores desempenham uma função importante na gestão do consumo e da crítica musical, apresentando um atalho útil para estilo, apresentação e conteúdo" (Gregory, p.8, 2019, tradução nossa)¹⁹. Sendo assim, classificar um grupo como *boy band* atribui a ele características que podem ser esperadas pelos consumidores, determinando, com isso, quem será atraído ou repellido.

Quando os músicos percebem uma dissonância entre traços (e valores) a eles atribuídos e o que de fato acreditam oferecer com seu trabalho, surge a necessidade de se distanciar de tal rótulo numa tentativa de estabelecer comunicação com um público mais amplo, que poderia descartar a banda ao saber que é considerada uma *boy band*. Essa lógica sugere que "a musicalidade virtuosa só pode ser reconhecida quando um artista abandona um público adolescente feminino" (Gregory, p. 102, tradução nossa)²⁰, concluindo o raciocínio que gera demanda pela reafirmação da competência musical.

Uma nova era de sonoridade, identidade e masculinidade pop

As duas entrevistas supracitadas não foram as únicas nem as últimas nas quais o 5 Seconds of Summer foi questionado a respeito do rótulo de *boy band*. No entanto, com o passar dos anos, é possível observar em suas respostas uma alteração na postura com relação não apenas a essa classificação, como também à associação ao público feminino que ela suscita, substituindo a rejeição pela aceitação e pela gratidão.

Na terceira matéria selecionada para este artigo, publicada em 2022 pelo portal Tenho Mais Discos que Amigos!, o baterista Ashton falou sobre o termo *boy band*:

¹⁷ "Sadly, many predominantly female fanbases are still being mischaracterised in this way. When young girls demonstrate their passion at concerts for artists like Justin Bieber, The Beatles or 5SOS they have been labelled 'hysterical'. When young boys do the same thing at an AFL game, they're just being 'enthusiastic'"

¹⁸ "Thus valuation makes and takes away opportunities for action, forms of connection, identification and expression"

¹⁹ "Descriptors play an important function in the management of music consumption and critique by presenting a useful shortcut to style, presentation and content"

²⁰ "[...] virtuoso musicianship can only be acknowledged once an artist jettisons a teen female following"

[...] no dia-a-dia, a gente ainda trabalha em direção à nossa realização musical. [...] Várias das nossas bandas preferidas... tipo, até o Green Day foi chamado de *boy band* por um tempo. O blink-182 também. E essas bandas são monstros do Rock! [...] E eu acho que isso vem de, sabe, não deixar outras pessoas definirem o que você sente que você é (Ernani, 2022).

Na quarta entrevista, concedida no mesmo ano à Rolling Stone Austrália, a banda falou sobre o receio que tiveram em relação à fama de *boy band* no início da carreira, quando foram convidados para ser a atração de abertura da turnê do One Direction em 2013, cogitando inclusive rejeitar o convite - que acabou sendo responsável por catapultá-los para a fama internacional. Porém, sobre o público que acompanha o rótulo, Ashton afirmou: "As bases de fãs jovens e femininas sabem o que é bom antes de qualquer outra pessoa, elas sempre souberam" (REID, 2022, tradução nossa)²¹. O baixista Calum completou:

Acho que muitas pessoas descartam o gosto de diversos públicos femininos jovens [...] É uma coisa incrível demais ter uma base de fãs majoritariamente feminina. Não trocaria isso por nada, porque elas são muito atenciosas e muito empáticas. E elas são muito criativas também. [...] (Reid, 2022, tradução nossa)²².

As mudanças nas respostas se encaixam em um contexto mais amplo de transformações em outras esferas. Entre as entrevistas analisadas no tópico anterior e as de 2022, a banda lançou mais três álbuns que consolidaram um certo afastamento dos referenciais anteriores de pop punk e resultaram em uma nova era musical, experimentando com os limites entre o pop e o rock e mesclando elementos do *synth-pop* e da música eletrônica. Além disso, em 2021, romperam com a gravadora Interscope Records e a empresa de gerenciamento Modest Management, lançando seu quinto álbum no ano seguinte com o próprio guitarrista, Michael Clifford, como produtor.

Como é costumeiro na indústria musical, novas eras são marcadas não apenas pelos lançamentos de um artista, mas também por sua aparência. Simultaneamente à construção de uma nova sonoridade, o grupo vivenciou mudanças significativas em seu visual. Como pontuado por Auslander,

[...] a persona performática de um artista musical não é necessariamente estática: ela pode evoluir ao longo do tempo para se adaptar às mudanças de

²¹ "The young, female fanbases know what's good before anybody else, they always have"

²² "I think a lot of people dismiss the taste of a lot of young female audiences [...] It's an incredibly awesome thing to have a largely female fanbase. I wouldn't trade that for anything, because they are very caring and they're very empathetic. And they are very creative as well."

moda e tendências culturais. [...] Quando e com que rapidez a persona de um artista pode evoluir, se é que isso ocorre, e em que direções, está sujeito a negociações delicadas com o público. (2004, p. 9, tradução nossa)²³.

Entre 2015 e 2022, as personas do passado deram lugar a uma nova identidade visual coletiva plural, menos atrelada aos arquétipos estereotipados de antes. Hoje, é mais fácil diferenciar o estilo pessoal de cada integrante, e o conjunto como um todo passou a incorporar elementos que vão além das camisetas de bandas de rock e calças *skinny* rasgadas de antes, como peças de alfaiataria, botas com pequenos saltos, cabelos mais compridos, transparências, brilhos, maquiagem e esmaltes. É importante pontuar que os integrantes do 5 Seconds of Summer não estão sozinhos nas transformações em direção a um estilo mais glamouroso e andrógino, com inspiração no glam rock dos anos 1970. Afinal, é comum que artistas e grupos cujos projetos mesclam referências e gêneros musicais também combinem elementos visuais de suas múltiplas inspirações, misturando estéticas próprias do feminino e do masculino, do pop e do rock e de outros binarismos presentes no imaginário popular.

Além disso, essa nova performance de masculinidade acompanha uma tendência em crescimento manifestada também por outros artistas contemporâneos de sucesso em diferentes esferas da música, como os cantores Harry Styles e Lil Nas X e a banda Måneskin (Munzenrieder, 2022). Considerando as negociações apontadas por Auslander, essa movimentação, além de um recurso de expressão dos músicos, também representa uma importante ferramenta de "marketização" e comunicação com o público, que simultaneamente inspira e é inspirado pelas performances de seus ídolos.

[...] masculinidades e feminilidades em corpos de artistas musicais são efemeridades que se materializam em apresentações ao vivo, videocliques, shows, redes sociais, sempre mediadas [...] funcionando também como estratégias de marketing que visam posicionar artistas no mercado e diante de (novas) audiências (Amaral; Monteiro; Soares, 2017).

Essas negociações dialogam também com a premissa de "masculinidade pop" descrita por Gregory. A autora pontua que tanto as *boy bands* quanto as estrelas do glam rock fazem da mistura de estereótipos de gênero uma ferramenta de sua identidade para criar contraste com noções clássicas de virilidade típicas do rock, do rap e de outros estilos musicais. No entanto, suas performances se dão de formas distintas, o que

²³ "[...] a musical artist's performance persona is not necessarily static: it may evolve over time to adapt to changing fashions and cultural trends. [...] When and how quickly a performer's persona may evolve, if at all, and in what directions, are subject to delicate negotiations with the audience"

ajudaria explicar porque o primeiro grupo de artistas tem mais dificuldade para alcançar legitimidade fora de sua bolha de fãs, perante a crítica musical e o público em geral.

[...] os artistas masculinos regularmente brincam com aspectos da identidade feminina, seja por incorporação sincera como no glam rock e no novo romantismo ou por alusão sutil [...]. Existem, no entanto, limites para a tolerância dos homens com a “flexão de gênero” e, enquanto artistas como David Bowie, Prince ou [Mick] Jagger geralmente recebem a aprovação dos fãs do sexo masculino, a imagem feminizada de homens jovens em *boy bands* é menos atraente universalmente (Gregory, 2019, p. 85, tradução nossa)²⁴.

Para Gregory, a performance de "masculinidade pop" das *boy bands* é pautada por características como modéstia, vulnerabilidade emocional, apreço e admiração pelas mulheres, valorização do amor romântico e interações com bichos de pelúcia e animais - em uma tentativa de vinculação a temas do universo juvenil (2019, p. 78-79, 86, 88 e 89). A influência do feminino, nesse caso, aponta para um estereótipo de postura delicada e pouco ameaçadora (2019, p. 88). Já no glam rock, segundo a autora, as barreiras do binarismo são ultrapassadas por meio de uma paródia de gênero "exagerada" com "conotações contraculturais", que aciona um maior apelo sexual e não têm como objetivo atrair e agradar o público feminino jovem - o afastamento dele, na verdade, pode ser considerado um ponto positivo (2019, p.72). Assim, "suas ações, em última análise, representam menos ameaça à identidade normativa do que a imagem sutilmente modificada de cantores pop masculinos" (2019, p. 85, tradução nossa)²⁵.

Diante dessas características, pode-se dizer que a performance atual de masculinidade dos integrantes do 5 Seconds of Summer combina elementos dos dois exemplos - não com o objetivo de atingir um meio-termo "neutro", se ele existir, mas de construir um terceiro caminho do que podemos considerar uma "masculinidade pop-rock" que faça sentido em sua própria trajetória. Das *boy bands*, são absorvidos traços como a valorização do público feminino e a maior vulnerabilidade emocional. No entanto, observa-se uma abertura para temáticas de cunho mais sexual ou pessimista nas músicas e um uso da moda andrógina que dialoga melhor com o glam rock.

Podemos concluir, com base nessas constatações e nas respostas da banda a respeito do rótulo de *boy band*, que houve um reposicionamento diante da temática do

²⁴ "[...] male artists regularly play with aspects of feminine identity, whether by wholehearted incorporation as in glam rock and new romanticism or by subtle allusion [...]. There are, however, limits to men's tolerance of 'gender-bending' and whereas artists like David Bowie, Prince or Jagger generally meet with the approval of male fans, the feminized image of young men in boy bands is less universally appealing"

²⁵ "[...] their actions ultimately pose less of a threat to normative identity than the subtly modified image of male pop singers"

feminino - tanto no que tange à sua performance de masculinidade quanto ao público que a consome. É importante considerar que, além das transformações vividas pelo próprio grupo, há um contexto sociocultural que colabora para essa nova fase. Não é coincidência que tantos artistas contemporâneos caminhem nessa direção, conforme pontuado por Munzenrieder (2022); atravessamos anos de profundas mudanças nos debates a respeito das dinâmicas de gênero, com pautas relativas a machismo, homofobia, emancipação feminina e defesa dos direitos da população LGBTQIAP+ em constante evidência - inclusive e sobretudo entre jovens. Astros rock, do pop, do pop rock e da música em geral refletem os novos tempos em novas formas de expressão, ainda que hoje possam ser consideradas menos transgressoras ou chocantes do que as performadas por seus antecessores (Munzenrieder, 2022). Nesse contexto, rejeitar abertamente a associação ao público feminino não seria uma atitude bem vista pela maior parte de sua base de fãs, além de já não fazer sentido na nova era de incorporação do feminino na performance.

Esse cenário nos leva à possibilidade de que as mudanças nas respostas dos músicos do 5 Seconds of Summer a respeito do rótulo de *boy band* e do vínculo com a base de fãs não corresponde ao fim de uma busca por legitimidade perante a mídia e o público geral. O que as falas sinalizam, além de um possível processo de amadurecimento pessoal e coletivo dos integrantes do grupo, é que sua jornada de autoafirmação se dá agora em relação a outros referenciais, tanto do público quando da indústria - ainda que continuem se inspirando em grupos de pop rock e pop punk, uma vez que esses ídolos também estão se renovando e se reposicionando no novo cenário sociocultural. Ao mesmo tempo em que o público feminino deixa de ser visto como um obstáculo para a obtenção de reconhecimento como músicos sérios, "de verdade" e "de qualidade", o rótulo de *boy band* também deixa de ser algo que precisa ser veementemente combatido e se torna apenas uma etapa desse processo - que pode nunca ter um resultado absoluto, mas que continua a ser buscado.

Considerações finais

Apesar de sua associação à fama passageira e à efemeridade das tendências na música pop, a *boy band* é um formato que persevera na indústria musical ao longo das décadas. Ainda que seus critérios não sejam unânimes, o termo continua sendo usado

para designar grupos que despertam o afeto do público feminino - cabe, inclusive, o questionamento sobre a motivação para a criação e o uso de um rótulo próprio para esse diferencial. No entanto, como observado, outras características podem estar embutidas ao termo, o que leva à rejeição dele por determinadas bandas. No caso do 5 Seconds of Summer, a mudança para a aceitação do título nos leva a pensar que combatê-lo deixa de ser uma prioridade à medida que suas implicações param de ser vistas como ameaças ao sucesso e ao valor do grupo.

Com base na análise realizada no presente artigo, identifica-se que os novos posicionamentos da banda em relação ao rótulo de *boy band* e seus encadeamentos acompanharam - seja como causas ou consequências - as alterações na performance de masculinidade e no estilo musical adotado, e que todas essas mudanças dialogam diretamente com as transformações no contexto sociocultural e as discussões de pautas sociais na última década. Há também o entendimento de que a nova postura não resultou no fim da disputa por legitimidade. Na verdade, há um novo caminho sendo traçado nessa jornada, agora a partir de outros referenciais de qualidade, masculinidade e autenticidade.

REFERÊNCIAS

- ABATE, M. A. “Soda attracted girls like honey draws flies”: The Outsiders, the Boy Band Formula, and Adolescent Sexuality. **Children's Literature Association Quarterly**, Baltimore, v. 42, n. 1, p. 43-64, 2017.
- AMARAL, A.; MONTEIRO, C.; SOARES, T. O QUEEN, A QUEEN: Controvérsias sobre gêneros e performances. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. ID23912, jan. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/23912>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- AUSLANDER, P. Performance analysis and popular music: A manifesto. **Contemporary Theatre Review**, Londres, v. 14, n. 1, p. 1-13, 2004.
- DENORA, T. **Music asylums: Wellbeing through music in everyday life**. 1 ed. Surrey: Ashgate, 2015. 180 p.
- DOLAN, J. Sounds Good Feels Good. **Rolling Stone**, Nova York, 23 out. 2015. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/music/music-album-reviews/sounds-good-feels-good-97696/>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- DOYLE, P. 5 Seconds of Summer: Inside the World 's Hottest Band. **Rolling Stone**, Nova York, 26 dez. 2015. Disponível em:

<https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/5-seconds-of-summer-inside-the-wild-life-of-the-worlds-hottest-band-52933/>. Acesso em: 10 jul. 2023

ERNANI, F. “Até o Green Day já foi chamado de boy band”: ao TMDQA!, 5 Seconds of Summer fala sobre quebra de estereótipos e novo disco. **Tenho Mais Discos Que Amigos!**, São Paulo, 19 mar. 2022. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2022/03/19/tmdqa-entrevista-5-seconds-of-summer/>. Acesso em: 10 jul 2023.

FARRUGIA, R. **Beyond the Dance Floor: Female DJs, Technology and Electronic Dance Music Culture**. 1 ed. Bristol: Intellect Ltd, 2012. 171 p.

FRITH, S. **Performing rites: On the value of popular music**. 1 ed. Cambridge (EUA): Harvard University Press, 1998. 323 p.

GANZ, C. 5 Seconds of Summer. **Rolling Stone**, Nova York, 22 jul. 2014. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/music/music-album-reviews/5-seconds-of-summer-102860/>. Acesso em: 27 jul. 2023.

GREGORY, G. **Boy Bands and the Performance of Pop Masculinity**. 1 ed. Nova York: Routledge, 2019. 168 p.

JOHNSTON, M. The Enduring Allure of Boy Bands. **The New York Times**, Nova York, 1 dez. 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/12/02/opinion/sunday/what-is-it-with-boy-bands-like-one-direction.html>. Acesso em: 24 jul. 2023

MUNZENRIEDER, K. Harry Styles, Lil Nas X, and the Politics of Male Rock Star Style. **W Magazine**, Nova York, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://www.wmagazine.com/fashion/music-style-lil-nas-x-harry-styles>. Acesso em: 13 jun. 2023.

REID, P. The New Rule of 5SOS. **Rolling Stone Australia**, Sydney, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://au.rollingstone.com/music/music-features/5sos-interview-41049/>. Acesso em: 10 jul. 2023

TROTTA, F. Critérios de qualidade na música popular: o caso do samba brasileiro. *In*: JANOTTI JR, J. S.; LIMA, T. R.; PIRES, V. de A. N. (orgs.). **Dez anos a mil: Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011. 225 p.

UNTERBERGER, A.; LYNCH, J. Are They a Boy Band or Not? Two Billboard Staffers Debate The Beatles, Brockhampton, 5 Seconds of Summer & More. **Billboard**, Nova York, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/pop/boy-band-or-not-beatles-5-seconds-of-summer-debate-8371548/>. Acesso em: 10 jul. 2023

VINCENT, P. 5SOS: Just don't call us a boy band. **The Sydney Morning Herald**, Sydney, 30 nov. 2014. Disponível em: <https://www.smh.com.au/entertainment/music/5sos-just-dont-call-us-a-boy-band-20141129-11wh87.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.